

ENTREVISTA.

ENTREVISTA COM FERNAND BRAUDEL.

O historiador do cotidiano (*).

Quando nos encontramos diante de um historiador, queremos, em primeiro lugar, perguntar-lhe a que êle consagra sua vida. A maioria das pessoas pensa que a História consiste em narrar acontecimentos do passado.

Elas confundem a História e a encenação. Evidentemente, basta narrar histórias para manter o público atento. Era o que fazia quando professor ginasial.

O senhor tinha uma série de histórias prontas?

Havia uma que tinha bastante sucesso, a propósito de Napoleão III. Gostar de Napoleão III, admita-se, é difícil. Mas, se você o apresenta como um herói nebuloso, romântico, êle tem postura. Amava as mulheres, as festas, e tinha coragem. Ora, aconteceu-lhe, antes de ser imperador, a aventura seguinte: mal retornou dos Estados Unidos, soube da morte de sua mãe. Vai à Suíça e, nos papéis da Rainha Hortênsia, encontra uma caixa cheia de cartas.

Ela tinha tido uma vida bastante movimentada e, olhando de perto sua vida privada, fazendo-se cálculos simples, percebe-se que Napoleão III teve vários pais. O pai oficial e pais hipotéticos. Então, você sabe o que êle fez com as cartas que talvez lhe deram a conhecer o nome de seu pai?

Se você preparou sua encenação, fará a pergunta quando faltar apenas um ou dois minutos antes do fim da aula. Aumenta-se o *suspense* diz-se: "Veremos isto, na próxima ocasião". É uma maneira de prender o auditório.

E, para o senhor, não é esta História mais interessante?

Há pessoas que se contentam com ela.

Mas, finalmente, que fez Napoleão com as cartas?

Veja, você também ficou curioso. Pois bem, êle, sem olhá-las, queimou-as.

(*) — Reprodução, devidamente autorizada, da tradução feita pelo *Jornal do Brasil* (domingo, 5 e segunda-feira, 6 de dezembro de 1971) de artigo publicado na revista *L'Express* (nº 1063 de 22-28 de novembro de 1971) (*Nota da Redação*).

Se a História não é este tipo de passado, não é tampouco o presente. Onde está pois o historiador?

Não há um verdadeiro presente. Estamos sempre em viagem. Tôdas as manhãs, chegamos ao mundo. E o historiador não escapa à regra. Ele está prêso a uma experiência que o persegue dia após dia. Então, o passado não tem sentido senão em relação às perguntas que fazemos agora. E os únicos acontecimentos importantes que tiveram efeitos e que agem ainda, diretamente ou não, na vida de hoje.

A FUNÇÃO DA HISTÓRIA.

O que é, então, a História?

Há uma conjunto de disciplinas que chamamos de ciências humanas: — a Sociologia, a Economia Política, a Etnologia, a Psicologia, a Demografia . . . que tentam saber o que é o homem. Ora, o caráter comum de tôdas estas disciplinas, que não passam de interrogações sôbre nosso destino, é que elas se voltam tôdas para a História para tentar apresentar certas respostas.

A História se ocupa de tôdas estas interrogações. Tenta trazer as luzes para estas pesquisas. Esta é razão por que a História é também o presente, pois o presente nos leva ao passado e o passado não tem sentido senão quando está vivo, atuando entre nós.

Foi a pressão social que, de fato, criou a História. Constantemente as pessoas se fazem perguntas e, em seguida, voltando-se para o passado, perguntam-se: “Como as coisas se passaram outrora?” Os historiadores estão assim condenados incessantemente a mudar de pele porque as perguntas que lhes fazemos, que eles se fazem, não são jamais as mesmas. Tôda uma série de acontecimentos não nos interessa mais porque não se inscrevem mais no campo de nossas preocupações.

Podéria nos dar um exemplo?

Escolhamos maio de 1968. O acontecimento me interessou, como a todos os franceses e, como universitário, não fui poupado. Então, me fiz perguntas, alimentadas pela observação direta do que se passava nas ruas, nas escolas, nos meios políticos. E penso: eis-me em presença de uma revolução cultural que não irá, talvez, até o fim, mas é preciso perguntar, então, o que é uma revolução cultural. Infelizmente, a História não dá todos os elementos necessários de uma resposta. As outras ciências humanas fornecem materiais úteis à compreensão do fenômeno. Mas é a História que os coloca, finalmente, em perspectiva: Interrogando o passado descobrimos que existem mui-

tas revoluções culturais, mas elas não trazem jamais esta etiqueta em nossos manuais.

A REVOLUÇÃO CULTURAL DA RENASCENÇA.

E para compreender maio, onde foi o senhor?

Liguei maio a fenômenos antigos, de uma maneira mais ou menos arbitrária. Nossa vida só é, em geral, suportável na medida em que a sociedade está lá para impedir que reflitamos muito. Quando estamos com os outros, por exemplo aqui, a falar das grandes coisas dêste mundo, não pensamos quase em nossa existência profunda, em nossa condição real. Pois se retornarmos a esta existência profunda, retornaremos aos abismos, às catástrofes. E a cultura está lá, sempre complacente para nos consolar, nos dar as máscaras que nos impedem de ver os abismos. A cultura, aquela que está em condições de funcionar, de servir em tórno de nós, nos toma pela mão e nos conduz até o fim de nossa existência.

Quando há uma revolução, é que as máscaras antigas se revelam insuficientes. Renunciamos às consolações habituais, olhamos os problemas de frente. Não é sempre alegre; então, é preciso inventar depressa outra coisa. Veja-se a Renascença, no sentido historicamente estrito, entre 1450 e 1520, aproximadamente; foi uma revolução cultural típica, e, ao mesmo tempo, é verdade, um período de alegria de viver intensa. Os homens daquele tempo souberam inventar depressa uma máscara nova.

Qual?

O direito para os ricos — pois a Renascença foi uma revolução cultural ao nível superior da sociedade, não se assemelhando àquela da qual maio de 1968 foi um dos sinais e que se situa na base ou no meio do corpo social — o direito de fazer tudo o que quisessem. Uma grande libertação do pensamento e ao mesmo tempo uma libertação sexual.

Em que a revolução da Renascença foi criadora?

Cada revolução cultural é, em primeiro lugar, uma demolição do que existe antes. Mas demole-se a vitrina, a sociedade permanece; ela resiste. A Renascença não teve conseqüências sociais profundas, mas criou uma nova arte de viver; mudou as regras do jôgo. Por volta de 1450, havia uma sociedade e uma cultura que separava o homem de si mesmo, impedindo que êle vivesse sua existência pessoal. Viviam-se para dar graças a Deus, trabalhar onde a sociedade o indicava,

e a própria morte se inscrevia numa felicidade futura que não se podia recusar.

Com a Renascença, aparece um tipo de homem nôvo: os indivíduos são responsáveis por sua própria vida, por sua própria morte. E' uma resposta ao abismo que abria diante do destino humano, a idéia de uma responsabilidade do homem perante si mesmo. E, hoje, a mocidade deve responder ao abismo que se abre perante ela.

A SUPERPOSIÇÃO DO TEMPO.

Não se trata somente do abismo da morte, mas também o abismo da vida...

E' a mesma coisa. Não se pode viver sem morrer, não se pode morrer sem ter vivido.

Mas, na Renascença, a vida é uma festa, e a morte é aceita como a seqüência absurda da festa?

Desde que se considera que os bens verdadeiros são os bens terrestres, a morte não é jamais aceita de coração. Simplesmente, definimos de outra maneira os bens terrestres, tendo em vista, como a mocidade de hoje, contestá-los. A explosão cultural que se manifesta hoje traduz a má consciência de nossa sociedade diante do uso que faz de sua própria riqueza. Então, é preciso inventar novas máscaras, novos remédios, novas ideologias.

Que papel pode desempenhar a História nesta invenção?

A História, no presente, pode nos ajudar a ver pontos fortes e pontos fracos ou negligenciáveis de nosso movimento para o futuro. Pois o tempo não é linear. E' múltiplo. O historiador contempla êstes tempos diferentes que atuam uns sôbre os outros e tenta ver os que contam e os que não contam. Por exemplo, e é aí que os riscos são grandes, entre os acontecimentos contemporâneos, existem alguns que são de grande duração, que mergulham suas raízes longe, no passado, e vão fecundar o futuro. Existem outros mais aparentes e ruidosos, às vêzes, que são apenas efêmeros. E no presente tentamos sempre, à luz do passado, ver o que pertence à longa duração e o que é momentâneo.

Voltando a maio de 1968, como o historiador pode descobrir neste acontecimento breve esta superposição dos tempos e tentar destacar o mais importante?

Se formos um historiador tradicional, tentamos narrar objetivamente o que se passou em 8 de maio, ou em 13 de maio e depois...

Se tivermos mais curiosidade, tentamos ligar maio ao que se passou alhures, outrora, e podemos assemelhá-lo, em profundidade, a um passado longínquo. E' esta realidade longínqua que me interessa.

Pessoalmente, tenho a convicção de que a sociedade francesa atual se encontra numa situação dramática, da mesma maneira que a Itália, por exemplo, onde se grita ainda um pouco mais forte que aqui. Vemos reunido em nosso país o que anuncia uma confrontação interior. Um certo número de pessoas desfruta grandes privilégios abusivos e, diante delas, o resto das pessoas tem a impressão de estar manietada por forças exteriores. Aceitemos esta análise, para argumentar. Então, se, dentro de alguns meses ou anos, ocorrer uma convulsão na sociedade francesa muito mais grave que em 1968, haverá um deslocamento automático para maio e junho de 1968. Estes acontecimentos, quando ocorrem, têm o valor de sinal. Servem de aviso, indicando que a estrada se torna perigosa.

A MEDIDA DA HISTÓRIA.

Então, a História é a colocação no lugar do acontecimento nos diversos ritmos de tempo.

Se assim quiser. Na medida em que nosso passado não é feito de uma procissão simples de acontecimentos, mas de simultaneidade de tempos diferentes. Há o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas tomadas de consciência apressadas. Este tempo curto, é o do jornalista às voltas com tôdas as formas de vida. Há um tempo curto econômico, social, literário, institucional, religioso, geográfico mesmo, por exemplo, um ciclone, uma tempestade. E' o tempo da política, no senso comum do termo, e dos fatos diversos. E' o que chamamos de narrativa.

E, ao lado desta narrativa, temos o passado de ampla dimensão, dominando o acontecimento, seja em períodos de 10, 20 ou 50 anos. Este estudo do tempo médio, em geral o de uma vida ou uma geração, é particularmente necessário para compreender a vida econômica e social, que evolui por ciclos.

E, compreende-se que, ao se ligar a este tempo médio, os historiadores tenham sido conduzidos a se interessar menos pela vida política, que é sobretudo olhada do ponto-de-vista do acontecimento, de curta duração, e mais aos ritmos da evolução econômica e às metamorfoses dos grupos sociais.

Veja a diferença: para um observador político, o dia, o mês, o ano são boas medidas. O tempo vivido é uma soma de dias. Mas,

para analisar a curva dos preços, a progressão demográfica, o movimento dos salários, a produção e o consumo de bens, é preciso medidas maiores. E creio que é desta maneira também que é preciso tentar compreender as ciências, as técnicas, as próprias instituições políticas.

E, em seguida, há um tempo longo...

Sim, a longa duração, a tendência secular. Para compreender a longa duração, o mais simples é ainda evocar o constrangimento geográfico. O homem é prisioneiro, durante séculos, dos climas, das vegetações, das populações animais, das culturas, de um equilíbrio longamente construído, do qual não pode se descartar sem colocar tudo de novo em questão.

Veja ao longo das idades alguns exemplos entre mil: o lugar da transumância na vida montanhosa, a permanência de certos setores da vida marítima, o enraizamento das cidades que provoca tantos problemas hoje; o traço-durável das estradas e dos grandes eixos do tráfego...

Estas permanências, nós as constatamos da mesma maneira na vida cultural, descobrindo, por exemplo, a persistência de certos temas ou de certas linhas de sensibilidade através das gerações. E as constatamos também no domínio dos sistemas econômicos. Grosseiramente, ingressamos, por volta de 1750, na civilização industrial, da qual não saímos ainda. Mas, antes, do século XIII ao XVIII, nos encontramos diante de quatro ou cinco séculos de vida econômica que, não obstante numerosas mudanças, apresentam uma coerência inegável.

A REFORMA PROTESTANTE.

Há, por conseguinte, três tempos que se superpõem?

Sim, e que vivem simultaneamente. No andar superior, aquele que vemos sob os nossos olhos, o movimento é muito rápido. No andar médio, a mobilidade não é tão aparente, sendo necessário afastar o que a esconde, e, em seguida, temos esta camada lenta, o tempo quase imóvel que constitui o envasamento.

A dificuldade é que estamos cercados de acontecimentos breves, que são sinais, mas é difícil ver se são simples coisas efêmeras, frutos do instante ou as emergências mascaradas desta camada quase imóvel. O que revela a História, sob o ângulo da grande duração, é um certo número de estruturas, de permanências que permitem explicar fatos de civilização aparentemente bem distantes umas das outras.

Poderia nos dar um exemplo desta longa duração sempre em ação na História viva?

Sim. A Reforma, que permanece como uma rotura do mundo europeu. Ora, esta rotura foi feita finalmente ao longo do Danúbio, ao longo do Reno. Quando a Contra-Reforma se concluiu, a linha de divisão coincidia com o limite romano. Não acha isto espantoso? Há tôda uma série de países que tinham o hábito de olhar em direção a Roma. E há os outros, os *coloniais*, os europeus da *segunda zona*, os povos do outro lado do Danúbio e do Reno, que Roma tinha esquecido, porque Roma malogrou em seu destino e não foi até o Elba. Tentou, mas não conseguiu. A rotura do protestantismo se refez, por conseguinte, ao longo de uma velha ferida da Europa. E' prodigioso.

E a linha de divisão das ideologias comunistas?

E' muito menos claro. Os países do Ocidente que são sensíveis ao comunismo, são — parece-me — os países católicos. A Alemanha, metade católica, quase não o é. A Inglaterra não o é. Mas, a França, a Espanha, a Itália, se retirarmos os diques, veremos o que acontece. Creio que a sensibilidade católica não é hostil a um certo socialismo militante. Temos um PC italiano muito forte, um PC francês que existe e teríamos um Partido anarco-comunista na Espanha, se ela fôsse livre. Mas na Inglaterra e na Alemanha, êles praticamente não existem.

A CORUJA DE ATENAS.

Para explicar todos êstes fenômenos, onde o presente se mistura com o passado, não existem leis gerais, modelos?

Não. A História é uma espetáculo fugidio, móvel e que assume feições contraditórias. Não creio na explicação da História por tal ou qual fator dominante. Há uma explicação marxista e, certamente, Marx me marcou muito, tanto mais que tive, como Sartre, de resto muita sorte: não me falaram nêle no colégio ou na universidade, e o descobri sôzinho.

Mas existem muitos fenômenos que escapam à análise materialista. Tomemos por exemplo a grandeza, noção que desempenha um certo papel na História das civilizações e das nações. Há um país que sempre fracassou em sua grandeza política. O mesmo acontece com a Alemanha.

Cada vez que a França sai de uma história catastrófica, ela encontra uma compensação numa magnífica explosão cultural. Após 1815, foi o romantismo. Após 1918, que não foi uma vitória, mas o fim de um esforço sôbre-humano, tivemos um período magnífico nas

letras, pintura, ciência. E' a história da coruja de Atenas. Ela só alça o vôo quando já é noite.

E os outros países?

Na Itália, isto é ainda mais evidente. Tivemos a Renascença, que corresponde a um período difícil da História italiana; e, depois, o século barroco, materialmente tão comprometido, mas que é o século de Galileu, e Galileu não podemos quase explicar de um ponto-de-vista materialista. Aliás, há apenas uns 15 anos que êle voltou a ser o que é: um personagem muito importante. Até então, não falávamos senão em Bacon, Descartes, Newton. Ora, é êle, Galileu, que está na origem do espírito moderno.

Foi o primeiro a ter uma concepção geométrica do mundo, a geometrizar o mundo. Não só pela experiência, como também pela intuição. Ora, quando geometrizamos o mundo, êle se torna infinito; diante do mundo terrestre, o mundo astral que, até então, era considerado como de outra qualidade — qualidade divina — participa, de agora em diante, da mesma natureza.

Foi, por conseguinte, uma revolução prodigiosa e não trouxe felicidade a Galileu. Quem quer que contemplasse os astros, por volta de 1600, via ali a prova da existência de Deus. O espírito se tranquilizava. E quando êste infeliz Galileu vê montanhas na Lua, quando observa manchas no Sol, isto é, imperfeições, é um escândalo.

HUMANISMO MODERNO.

Do ponto-de-vista da civilização, onde está a mudança?

E' total, ainda que não fôsse senão por causa das conseqüências. Criamos um cadinho artificial para explicação do mundo. Cada vez que nos encontramos diante de um acontecimento, cuidamos de geometrizá-lo, despojando-o de certo número de suas qualidades para que possa entrar no cadinho. O valor dêste cadinho está em que êle *funcionou*, destruiu a concepção antiga que tínhamos do mundo.

Mas por que funcionou? Teríamos a tendência de dizer porque era verdadeiro?

Êle não é verdadeiro. E' *operacional*. Uma hipótese na História, se é fecunda, permite medir-se melhor os acontecimentos. No limite, pouco importa que seja *verdadeira*, contanto que, partindo com um cadinho, chegue a uma explicação coerente. O essencial é uma certa

visão prévia. O historiador que pensa que devemos todos os acontecimentos e alinhá-los uns atrás dos outros não se dá conta de que está recosendo-os como se êstes acontecimentos formassem uma cadeia. E, isto também, é uma visão prévia.

Em suma, um historiador se define quase pela maneira pela qual êle apresenta os problemas?

Sim. O quadro da pesquisa é o problema que colocamos no início. A problemática é decisiva. Justamente, o que complica a pesquisa contemporânea é que os pesquisadores das diversas ciências sociais chegam todos com cadinhos diferentes. Então é preciso ver os que levam mais em conta a totalidade dos acontecimentos e dos problemas.

E a lição dêste espetáculo? Esperança ou desilusão?

Esperança, por certo. E a História pode nos ajudar a fundar o que Georges Friedmann chama de humanismo moderno, isto é, uma maneira de esperar, de querer que os homens sejam fraternais uns com os outros. Há numerosos profetas que nos predizem falências, declínios, catástrofes. Mas, a espécie humana superou outros perigos. Como você sabe, o presente não é uma linha de chegada. E' um obstáculo cheio de eternas tragédias que a esperança humana soube sempre sobrepujar.